

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Foraetim nº23

Class.: 32

Data: 10/80

Pg.: 1, 14

TUKUNA ALICIADOS PARA CORTAR CANA



Última hora. Os Tukunas do Alto Solimões (AM) estão sendo aliciados para cortar cana-de-açúcar na "Fazendas Unidas" - CAPEMI em Itacoatiara, no Amazonas. Matéria na página 14.

DENÚNCIA

ES CRAVIDÃO ÍNDIA NOS CANAVIAIS DA CAPEMI



Após cinco dias de viagem, cansados e famintos, no dia 1º deste mês, 78 Tukuna arrebanhados pelo "gato" Manoel Neto chegaram a Itacoatiara, médio rio Amazonas, a bordo do motor do comerciante Wilmar Mafra, trazendo no peito uma cruz de madeira, que tem por símbolo a Irmandade de "Santa Cruz". Os Tukuna, em sua maioria menores de idade, logo após o desembarque, foram transportados para a Agro Industrial Fazendas Unidas-CAPEMI, onde estão sendo usados para o corte da cana-de-açúcar sob um regime de escravidão.

O Coordenador do Conselho Indigenista Missionário - CIMI Norte I, Renato Athias, juntamente com Dom Adalberto Marzi, bispo prelado de Alto Solimões (AM), dirigiram-se àquela área, no dia 7, onde documentaram o fato.

ES CRAVIDÃO

Vivendo no Alto Solimões, os Tukuna constituem um povo com mais de 10 mil pessoas, sem terras demarcadas, sofrendo as invasões e investidas dos comerciantes da região. Encontram-se divididos entre si por conflitos religiosos.

Uns, são adeptos da Igreja Católica, mas a maioria segue a seita da "Santa Cruz", movimento religioso que desde 1972 se implantou na Área, tendo à frente o irmão José da Cruz. Esse movimento, em quase todos os sentidos, tem beneficiado principalmente os comerciantes locais que nele se engajam e usam a religião para explorar ainda mais esse povo.

Os Tukuna seguidores da "Santa Cruz", são rigorosos em seus comportamentos, não bebem, não fumam e são muito obedientes a seus diretores. Isto favoreceu ainda mais o golpe do "gato" Manoel Neto, que aproveitando-se do sentimento religioso desse povo, transportou para Itacoatiara dezenas desses jovens, jogando-os nos canaviais da "Fazendas Unidas".

Com uma jornada de trabalho que varia de 6 a 16 horas, com intervalo apenas para o almoço, os índios serão pagos por produção, que é cotada em 72 toneladas. Conforme declarou o diretor executivo da empresa "coronel" Luis Bernardes, "um bom cortador consegue cortar até 5 toneladas por dia." Disso eu tenho experiência, resmungou Bernardes.

Se um experiente cortador consegue a produção de 5 ton. diárias, é provável que ele passe até 15 dias para alcançar a produção estabelecida para sua remuneração, ou seja, as 72 toneladas. Nesse caso, em um mês, ele receberá no máximo o equivalente a duas produções. Isto, sem se falar das péssimas condições de trabalho, sem chapéu, sem roupas apropriadas e com os pés descalços.

Os Tukuna, como no sistema colonial, encontram-se sob o regime de escravidão nos campos das "Fazendas Unidas".

Desgastados fisicamente, voltarão para as suas comunidades pior do que vieram, se não forem novamente "arrebanhados" para outros campos de exploração. Visto que a FUNAI até hoje não providenciou a demarcação de suas terras.

Num desabafo ao PORANTIM, um deles afirmou não estar contente com o pagamento que será feito por produção e por ter sido enganado, já que vieram para a fazenda porque acreditavam que era o governo que havia chamado. O que não é de todo errado.

ERA DO ÁLCOOL

A Agro Industrial Fazendas Unidas arrendada pelo Grupo CAPEMI, recebe financiamento do Governo e promete, segundo declarou seu superintendente, economista José Fernandes Pessoa, "entrar na era do álcool produzindo sessenta mil litros diários", representando a

metade da capacidade da usina, que tem investimento de 700 milhões de cruzeiros. Encontra-se localizada no km. 134 da estrada Manaus-Itacoatiara, ocupando uma área de mais de 25 milhões de hectares, destinada à plantação da cana-de-açúcar, que conforme um de seus diretores, até mesmo a PETROBRAS já se mostrou interessada na aquisição do álcool. O grupo CAPEMI, segundo a Polícia Federal é o mesmo que está promovendo a "escravidão branca" no nordeste.

JUSTIFICANDO

Entrevistado por Dom Adalberto, o diretor executivo da empresa, ex-major do exército e popularmente conhecido por "coronel" Bernardes, disse que não tinha conhecimento da presença dos índios, o que só veio a saber há poucos dias. Mas, acrescentou que "eles são ótimos trabalhadores, ordeiros, muito obedien-

outras terras, o grupo CAPEMI irá se beneficiar de 120 mil hectares para a extração de 10 milhões de M3 de madeira, a maioria destinada a exportação, sem nenhum investimento às comunidades indígenas.

LEVE A SÉRIO

Dom Alberto Marzi e o Coordenador do CIMI ao procurarem, no dia 8, o delegado regional da FUNAI em Manaus, Kasuto Kavamoto, já haviam sido antecipados por dois diretores da "Fazendas Unidas", que ainda se encontravam no Gabinete da 1ª DR. Esses mesmos diretores correram à imprensa local, prestando depoimentos - tais como: "não sabemos, não tínhamos conhecimento" e outras desculpas esfarrapadas.

Diante da denúncia do CIMI e de Dom Adalberto, a FUNAI enviou o sertanista Sebastião Amâncio até o local, para apurar os fatos e exigir que a "Fazendas Uni-



tes, não bebem e não fumam. São muito diferentes dos alagoanos que têm caráter agressivo e violento. Estava até pensando em estabelecê-los aqui, mas a legislação não permite. O que aliás sou contra, porque os índios são tão capazes como as outras pessoas. Por que privá-los de melhores condições de vida?"

A defesa interesseira do coronel se fundamenta na exploração da mão-de-obra indígena, possibilitando com isso a acumulação da riqueza dos "fazendeiros unidos" da CAPEMI.

Além dos 78 Tukuna, 36 da comunidade de Feijool e 42 de Belém do Solimões, a "Fazendas Unidas" dispõe de 400 cortadores de cana. Mas não são os Tukuna as primeiras vítimas da empresa. Com a construção da hidrelétrica de Tucuruí (PA), que vai inundar o território dos Parakanã, Arara, povos que serão exilados para

das" efetue o pagamento aos Tukuna, de acordo com o trabalho realizado, e em seguida frete um barco que os leve ao local de origem.

Kasuto Kavamoto, Delegado da 1ª DR., entrou em contato com a Polícia Federal, para que prenda o "gato" Manoel Neto, que felizmente, só conseguiu "arrebanhar" 78 Tukuna, dos 150 que tinha em vista.

O CIMI, por sua vez, firma posição em defesa dos povos indígenas, exigindo que a FUNAI "leve a sério" o caso dos Tukuna, para que não se torne mais um crime impune como o caso dos JUMA, cujos assassinos, até hoje passeiam pelas ruas de Lábrea, (veja página 15). Responsabilizamos antecipadamente a "Fazendas Unidas" por todos os "possíveis acidentes", que venham sofrer esses índios.